

# 4

**Educação para a sustentabilidade:  
relato do projeto Musas Coletivo de Moda**

**Recebido em:** 05/12/2023  
**Aprovado em:** 26/12/2023

**EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE:  
RELATO DO PROJETO MUSAS COLETIVO DE MODA**

**EDUCATION FOR SUSTAINABILITY:  
REPORT ON THE MUSES FASHION COLLECTIVE PROJECT**

Ana Suelen Pisetta

ana@propostaverde.com.br – Instituto Federal Catarinense (IFC)

João Dolzan Júnior

joao@propostaverde.com.br – Universidade Positivo

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo demonstrar as intersecções entre educação, moda e sustentabilidade na execução de um projeto chamado Musas Coletivo de Moda. Realizado em espaço não formal de educação, o projeto Musas utilizou os temas de sustentabilidade e moda na elaboração de seu plano de trabalho, no qual o objeto foi a criação e produção de calçados feitos com resíduos industriais de jeans. Nesse sentido, buscou-se discorrer sobre os espaços de educação não formal como uma possibilidade de acesso e democratização da moda na perspectiva da educação para a sustentabilidade. O aporte metodológico teve o relato de experiência e a revisão bibliográfica dos temas mencionados. O relato de experiência descreve os objetivos do projeto apresentado em cada dimensão correspondente ao tripé da sustentabilidade: social, ambiental e econômico, tendo a moda como ferramenta em seu papel fundamental para desenvolver a autoestima e do estímulo à autonomia.

**Palavras-chave:** Educação e sustentabilidade; Educação não formal; Sustentabilidade e moda.

**Abstract:** *This article aimed to demonstrate the intersections between education, fashion and sustainability in the execution of a project called “Musas Coletivo de Moda”. Held in a non-formal education space, the Musas project used the themes of sustainability and fashion in the development of its work plan, in which the object was the creation and production of shoes made from industrial denim waste. In this sense, we sought to discuss non-formal education spaces as a possibility of access and democratization of fashion from the perspective of education for sustainability. The methodological contribution included the experience report and the bibliographic review of the topics mentioned. The experience report describes the objectives of the project presented in each dimension corresponding to the tripod of sustainability: social, environmental and economic, with fashion as a tool in its fundamental role of developing self-esteem and encouraging autonomy.*

**Keywords:** *Education and sustainability; Non-formal education; Sustainability and fashion.*



## 1. Introdução

Este trabalho teve como principal objetivo demonstrar as intersecções entre educação, moda e sustentabilidade do projeto chamado Musas Coletivo de Moda, que foi realizado entre setembro de 2022 e abril de 2023 no município de Rio do Sul (SC), através da “Associação sem fins lucrativos Balseiro” e apoio do “Fundo para a infância e adolescência”. O projeto educativo apresentado utilizou os temas de sustentabilidade e moda na elaboração de seu plano de trabalho, tendo como objetivo ensinar técnicas para a criação e produção de calçados manuais feitos com resíduos industriais de jeans no desenvolvimento de seu processo criativo. Nesse sentido, pretendeu-se demonstrar como a moda pode ser um meio para trabalhar conceitos de educação e sustentabilidade em espaços de educação não formal.

No âmbito do projeto, veremos o papel fundamental desempenhado pela intersecção entre educação, moda e sustentabilidade para desenvolver a autoestima, aqui entendida como a qualidade de quem se valoriza e está contente com seu modo de ser e se expressar; além do estímulo da autonomia e do cuidado com a imagem pessoal das participantes. O projeto Musas utilizou a moda como uma ferramenta para o desenvolvimento do curso, primeiro por considerar sua faceta de *glamour* e fantasia que está no imaginário principalmente das adolescentes, como um tema atrativo que facilitaria a adesão do público-alvo. Em segundo lugar, por considerar que as etapas de desenvolvimento de uma coleção de moda propiciam uma jornada de conhecimento que une teoria e prática, de modo a tornar a aprendizagem mais significativa e prazerosa. Se, inicialmente, o projeto angariou público a partir das noções de moda presentes no senso comum, também garantiu que as participantes da ação educativa pudessem ter acesso a conhecimentos específicos da área que possibilitassem a elas uma mudança de perspectiva, de modo que as integrantes começassem a reconhecer a moda como um fazer sustentável, ético e responsável socialmente.

O relato apresentado no artigo tem como ponto de partida a experiência empírica, considerando que a pesquisadora foi também a autora e coordenadora do projeto apresentado, fato que enquadra este estudo na abordagem metodológica de um relato de experiência. Destaca-se que o relato de experiência (RE) não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica; contudo, trata do registro de experiências vivenciadas (Cruz, 2010 *apud* Mussi, 2021). A fundamentação teórica que embasa o estudo versou sobre os seguintes temas: breve histórico da educação e da sustentabilidade; educação e sustentabilidade em espaços não formais; sustentabilidade e moda no contexto da educação. Antes de iniciar o relato, porém, se faz necessário apresentar o aporte teórico-metodológico da pesquisa. Esta pesquisa, classificada quanto a sua natureza de investigação como descritiva, valeu-se dos seguintes procedimentos técnicos em sua organização: pesquisa bibliográfica e relato de experiência. A pesquisa bibliográfica deu aporte para as discussões nos campos da educação em espaço não formal, educação para a sustentabilidade e moda sustentável. O procedimento técnico conhecido por relato de experiência, em contexto acadêmico, pretende descrever a experiência vivida (experiência próxima) e torná-la válida “por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 64).



O RE descreve os objetivos do projeto apresentado em cada dimensão correspondente ao tripé da sustentabilidade: social, ambiental e econômico. Saliencia-se a importância da moda como ferramenta para o desenvolvimento da ação educativa desenvolvida no âmbito do projeto. Assim, o estudo decorrente da ação justifica-se ao contribuir com a compreensão e aplicabilidade dos conceitos pesquisados ao contextualizá-los com a realidade prática, gerando reflexões, novas ideias e o aprimoramento de projetos dessa natureza, para que venham a impactar positivamente ainda mais pessoas.

Conforme Araújo (2020), espaços formais e não formais de aprendizagem se complementam. Diante do contexto de crise planetária, o uso relacional entre as duas abordagens assume um caráter emergencial. A terceira seção discorre sobre moda e sustentabilidade no contexto da educação. Moda e sustentabilidade são temas que, de forma alguma, se encerram nos danos causados pelo consumo excessivo, ou nas mazelas ocasionadas pelo trabalho em subcondições. Devemos, conforme defende Berlim (2012), também estar alinhados no reconhecimento de todas as nuances transgressoras, expressivas e reflexivas que a moda aponta na sociedade contemporânea. São sinais que nos indicam caminhos sobre os quais é preciso refletir, tomar decisões e, por fim, agir. A quarta e última sessão relata a experiência educativa, detalhando o plano de trabalho que estava dividido em 12 encontros de quatro horas, organizados para abordar inicialmente o conhecimento teórico do projeto para, em seguida, introduzir técnicas de criação de produtos de moda. Posteriormente, a iniciativa previa o desenvolvimento de técnicas manuais para a produção do sapato e, por fim, a comunicação da coleção criada com a produção de um editorial fotográfico e *um fashion film*.

A seguir, a seção 2 traz um breve histórico sobre a educação e a sustentabilidade. A educação tem papel fundamental na formação de novas formas de conceber o mundo. Portanto, projetos que possibilitam a mudança de perspectiva, que contemplam conceitos emergentes, como a sustentabilidade, são fundamentais.

## 2. Educação e sustentabilidade: um breve histórico

Embora o papel da educação para a sustentabilidade não tenha surgido em espaços tradicionais de educação, não demorou para que as escolas começassem a discutir e prever ações e projetos na perspectiva de uma educação ambiental. Um marco importante nesse contexto foi a implementação de um documento internacional que instaurou a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2005). Este documento, instituído em dezembro de 2002 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, é a soma de esforços das agências das Nações Unidas, de governos dos países signatários, de organizações da sociedade civil, de organizações não governamentais e de especialistas. A educação, conforme defendida na “Década”, tem papel central no provimento de valores, atitudes, capacidades e comportamentos fundamentais para enfrentar os desafios como a pobreza, o consumo desordenado, a degradação ambiental, entre outros. Nessa perspectiva, a “Década fundamenta-se na visão de um mundo onde todos tenham a oportunidade de se beneficiar da educação e de aprender os valores, comportamentos e modos de vida exigidos para um futuro sustentável e para uma transformação positiva da sociedade” (UNESCO, 2005, p. 16).



Antes mesmo da implementação do Plano Internacional da Década, a Constituição Federal brasileira (BRASIL, 1988) já previa o direito a um ambiente ecologicamente equilibrado a partir da educação ambiental:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. § 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao poder público: [...] VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

Assim, as especificidades da Educação Ambiental estão amparadas por marcos legais, como a Constituição Federal de 1988, a Lei no 9.795/ 99, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), e os compromissos internacionalmente assumidos, dos quais o país foi signatário. O artigo 2º da PNEA ressalta que: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999).

Apesar de representar uma conquista histórica a menção à Educação Ambiental nas diversas legislações educacionais, especialmente na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no Plano Nacional de Educação (PNE) e em diversas Diretrizes Curriculares da Educação Básica e Superior, sabe-se que estas normas ainda não contemplam a inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e em todas as modalidades. Nessa perspectiva, são igualmente importantes as iniciativas desenvolvidas fora dos ambientes escolares, como a que ocorreu no projeto Musas Coletivo de Moda, que veremos mais adiante. O Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) assume as seguintes diretrizes: “Transversalidade e Interdisciplinaridade; Descentralização Espacial e Institucional; Sustentabilidade Socioambiental; Democracia e Participação Social; Aperfeiçoamento e Fortalecimento dos Sistemas de Ensino, Meio Ambiente e outros que tenham interface com a educação ambiental” (BRASIL, 2005, p.33).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Macroárea “Meio Ambiente” abriga dois importantes temas que se auxiliam e que são, de certo modo, complementares: a Educação Ambiental e a Educação para o Consumo. Estes são, por afinidade, temas que visam à formação cidadã e integral Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Importante ressaltar que os documentos norteadores da Educação Básica, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), foram elaborados propondo que a Educação Ambiental seja trabalhada nas escolas como um tema transversal, e não como uma disciplina específica.

CAPÍTULO II – DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
Seção III – Da Educação Ambiental Não-Formal Art. 13 Entendem-se educação ambiental não formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente (BRASIL, 2005, p. 69).

É bom lembrar que, embora a educação ambiental tenha surgido como tema primeiramente fora do âmbito escolar, as legislações foram determinantes para que a temática da sustentabilidade passasse a ser considerada nos processos de ensino-aprendizagem. A ação educativa desenvolvida pelo projeto aqui apresentado foi proposta por uma organização do



terceiro setor e ocorreu em espaço não formal de educação. A educação não formal surgiu a partir das necessidades e lacunas identificadas na dificuldade do Estado em cumprir as leis que asseguram a todos os cidadãos o direito à educação (Brandão, 2007 *apud* Santos, 2015). De modo geral, a educação não formal complementa a educação formal e está para além do assistencialismo social, alcançando o desenvolvimento educacional e cidadão.

## 2.1. Educação e sustentabilidade em espaços não formais de educação

Em nosso momento histórico, o conceito de sustentabilidade tem se propagado por todo o globo como necessidade e condição para a permanência da vida no planeta. As ações exercidas pelo homem no meio ambiente, somadas ao mau uso dos recursos naturais, vêm ocasionando um estilo predatório na relação entre homem e natureza, ocasionando prejuízos ambientais (e sociais, por conseguinte) sem precedentes na história humana (Araújo, 2020). Assim, se torna uma questão de suma importância a emergência de um novo modo de ver e se relacionar com a natureza.

A educação, de modo geral, é uma prática social que acontece em um determinado contexto e momento histórico, e se desenvolve de acordo com as ideias dominantes da sociedade em que está inserida. Ghanem e Trilla (2008 *apud* Santos, 2015) ressaltam que um dos âmbitos da educação não formal que tem crescido é aquele composto por instituições e programas destinados àqueles que se encontram em vulnerabilidade social. Nessa perspectiva, o projeto *Musas Coletivo de Moda* foi elaborado com a intenção de ser educativo, mesmo que realizado em espaço não formal e considerou as três dimensões da sustentabilidade ao elaborar seus objetivos. Ressalta-se que a classificação das três dimensões da sustentabilidade é apenas uma das abordagens relacionadas ao tema, tendo em vista que alguns autores classificam o tema em cinco dimensões ou mais. Partiu-se dos pressupostos do próprio conceito da sustentabilidade, buscando contemplar cada dimensão com um objetivo que contribuísse com o objetivo geral de educar para a sustentabilidade.

A educação para a sustentabilidade passa a ser então um grande movimento ético e histórico de transformação do pensamento e das atitudes do homem contemporâneo, diante da ameaça de destruição global, e em busca de um desenvolvimento sustentável que satisfaça as demandas do presente vislumbrando um futuro melhor. (Guevara, 2011 *apud* Mueller, 2011, p. 5).

Na **dimensão social**, o projeto teve como objetivo específico a criação de um coletivo, ao considerar que a coesão social é um dos princípios do desenvolvimento sustentável e trata do estado pelo qual um determinado grupo humano alcança união ou vínculo ao redor de princípios, regras, comportamentos e interesses comuns; isso os mantém unidos, integrados em um grupo social (Bodart, 2016 *apud* Santos, 2019). A coesão social é, portanto, a base para viabilizar a implementação das demais ações nos âmbitos ambiental e econômico. Esta sociedade ideal é, por definição, uma utopia (do grego “ou + topos”, que significa “lugar que não existe”). Assim, buscar a sua realização trata-se de um processo permanente para se atingir um alvo móvel em constante mutação (Santos *et al.*, 2018).

De uma forma mais geral, os coletivos têm sido comumente percebidos pela literatura como novas formas de mobilização, organização e de ação contemporânea pautadas nas ideias de coletividade, no trabalho colaborativo, no compartilhamento horizontalizado de informação de poder (decisão política no interior do grupo) e na



criação de espaços e formas especiais de relações sociais entre os sujeitos (sem hierarquias, sem lideranças etc.) (Marques; Marx, 2020).

Ainda segundo o autor, o coletivo é um tipo de agrupamento ou organização de caráter mais dinâmico, baseado em laços afetivos (...) e a partir de um forte sentimento de autonomia dos sujeitos tanto em relação uns aos outros como em relação a outras organizações sociais e políticas. Para PAIM (2009), coletivos são os agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica. Tendo, portanto, o coletivo formado, foi possível caminhar para alcançar os objetivos propostos nas demais dimensões.

Em sua **dimensão ambiental**, o projeto teve como objeto a criação e confecção de calçados feitos manualmente com resíduos industriais de jeans, com o objetivo de conscientizar as participantes sobre o impacto da indústria da moda na geração de resíduos têxteis. A escolha do jeans se deu por conta da forte presença de indústrias deste setor na região do Alto Vale do Itajaí, onde se situa a cidade onde foi realizado o projeto. De acordo com o Sindicato das Indústrias da Fiação, Tecelagem, Confecção e do Vestuário do Alto Vale do Itajaí (SINFIATEC), somando os municípios próximos a Rio do Sul, o número de indústrias é de quase 700, das quais 450 atuam com jeans. Uma dessas empresas, localizada em Laurentino (SC), chamada Denim Zero, foi parceira no projeto, doando seu resíduo de jeans para a confecção dos sapatos e emprestando roupas para o editorial fotográfico. Neste sentido, o artigo 2º da PNEA ressalta que: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999).

Entre os benefícios de se ampliar a vida útil dos materiais está a redução do desperdício destes que podem ser revalorizados ao serem considerados como matéria-prima, e não como lixo. A redução do uso de recursos naturais virgens é outro benefício, e inclui a redução no uso de recursos (como água e energia) necessários à extração, processamento e conversão em matérias primas, e os impactos delas decorrentes (Santos, 2018, p. 123).

Por fim, na **dimensão econômica**, o objetivo proposto foi favorecer as condições futuras para geração de renda e autonomia, estimulando a criatividade e a autoexpressão além da valorização e autoestima. Conforme Santos (2018), a dimensão econômica da sustentabilidade refere-se ao paradigma onde evolução econômica ocorre de forma justa e ética, em conjunção ao desenvolvimento do bem-estar humano alcançado em harmonia com a natureza. Nesse pensamento emergente, observam-se profundas divergências entre a racionalidade econômica ortodoxa (baseada na busca contínua pela eficiência econômica na exploração de recursos) e a racionalidade ecológica (baseada na contenção do consumo de forma a garantir resiliência dos recursos ambientais). No sentido de ampliar a perspectiva de futuro das participantes, Freire nos ensina:

Por grande que seja a força condicionante da economia sobre o nosso comportamento individual e social, não posso aceitar a minha total passividade perante ela. Na medida em que aceitamos que a economia ou a tecnologia ou a ciência, pouco importa, exerce sobre nós um poder irrecorrível não temos outro caminho senão renunciar à nossa capacidade de pensar, de conjecturar, de comparar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar. Reduzida à ação de viabilizar o já determinado, a política perde o sentido da luta pela concretização de sonhos diferentes (Freire, 2000, p. 26).



Ao escolher o público-alvo a ser atendido pelo projeto, buscou-se beneficiar grupos em vulnerabilidade social. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os grupos em desvantagem são: as mulheres e meninas, pessoas em localidades vulneráveis, pessoas incapazes, idosos, indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, *Queer*, Intersexo, Assexual e outros), bem como as minorias étnicas, indígenas e imigrantes (PNUD, 2016 *apud* Santos, 2019). O projeto foi, portanto, destinado ao público feminino de 13 a 18 anos, estudantes de escola pública e, preferencialmente, em situação de vulnerabilidade social, tendo sido o projeto encaminhado também aos cinco Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de Rio do Sul (SC) e para o Lar das Meninas, entidade filantrópica sem fins lucrativos.

Como já mencionado, o projeto foi executado em espaço não formal de educação e, conforme Araújo (2020), espaços formais e não formais de aprendizagem se complementam. Diante do contexto de crise planetária, o uso relacional entre as duas abordagens assume um caráter emergencial. Entende-se, portanto, que alunos de todas as idades necessitam ser sensibilizados sobre as questões ambientais e sociais, fomentando atitudes proativas para a solução de problemas no âmbito de sua própria comunidade (UNESCO, 1977 *apud* Santos, 2019). Na sequência, a seção 2 versará sobre a moda e sustentabilidade no contexto da educação, contextualizando o conceito nesse universo e destacando as vantagens e possibilidades do tema para as intersecções entre educação, moda e sustentabilidade.

### 3. Moda e sustentabilidade no contexto da educação

O setor da moda é um dos que mais causa impacto ambiental ao planeta, principalmente por seu alto volume de descarte. Os meios de produção industrial em alta escala para atender a uma demanda de consumo desenfreada tem gerado o consumo de recursos naturais acima da capacidade de regeneração do planeta, causando, ao longo dos anos, uma crise socioambiental sem precedentes (Araújo, 2020). Com a popularização e crescente apoio do conceito da sustentabilidade em diversas áreas e setores, os consumidores estão cada vez mais atentos aos produtos que escolhem, considerando também a ética das marcas ao fazerem suas escolhas. Isso tem feito as indústrias de moda buscarem introduzir conceitos e práticas da sustentabilidade em seu modo de fazer.

O termo moda teve origem no latim *modus* e designa “modo”, “maneira de fazer”. A moda é, portanto, a maneira ou a forma de fazer alguma coisa e, em particular, de vestir-se, de comer, de falar, etc. (Godart, 2010, p. 10 *apud* Bortoletti, 2022, pp.7-8). As discussões em torno da construção de uma moda sustentável é algo relativamente recente. Unir os termos moda e sustentabilidade, conforme Berlim (2012), pode parecer contraditório. O consumo exagerado de itens de vestuário e moda, roupas e acessórios, aliado à lógica do *fast fashion*, faz com que a vida útil dos produtos seja cada vez menor. As nossas relações com esses produtos, na mesma proporção, tornam-se cada vez mais superficiais. Moda e sustentabilidade são temas que não se encerram nos danos causados pelo consumo excessivo, ou nas mazelas ocasionadas pelo trabalho em subcondições. Deve-se, conforme defende Berlim (2012), também estar alinhados no reconhecimento de todas as nuances transgressoras, expressivas e reflexivas que a moda aponta na sociedade contemporânea. A moda pode sim adotar práticas de sustentabilidade,





produzindo artigos que imprimam a consciência da área frente a questões sociais e ambientais urgentes em nossa sociedade.

Dessa forma, o projeto *Musas* utilizou a moda como uma ferramenta para o desenvolvimento do curso, primeiro por considerar sua faceta de *glamour* e a fantasia (que está no imaginário principalmente das meninas) como um tema atrativo que facilita a adesão do público-alvo. Além disso, as etapas de desenvolvimento de uma coleção de moda propiciam uma jornada de conhecimento que une teoria e prática, de modo a tornar a aprendizagem mais significativa e prazerosa. Se inicialmente o projeto angariou público a partir das noções de moda presentes no senso comum, também garantiu que as participantes da ação educativa pudessem ter acesso a conhecimentos específicos da área que possibilitasse a elas uma mudança de perspectiva, como a pesquisa de referências, painel imagético, desenho, modelagem, confecção e comunicação. Objetivou-se, portanto, que as integrantes começassem a reconhecer a moda como um fazer sustentável, ético e responsável socialmente. A escolha por produzir calçados sustentáveis teve como critério sua utilidade, podendo a técnica ser utilizada como uma fonte de renda para o público-alvo. Além disso, o projeto buscou promover, também, a democratização da moda.

Ao ser destinado a meninas em situação de vulnerabilidade social, o projeto prezou pela inclusão e pela diversidade, dando protagonismo, trabalhando a autoestima e a autonomia das participantes. Promover o conhecimento sobre a sustentabilidade na moda faz parte de um processo de educação, no qual o maior objetivo deve ser conscientizar e educar para a transformação, trazendo os desafios relacionados ao meio ambiente para o centro das discussões de forma global e integrada (Boff, 2015 *apud* Fontoura, 2022). É fundamental, portanto, a educação das pessoas para a sustentabilidade de forma que possam desenvolver a capacidade de conhecer e aprender com o meio ambiente, aprender a ser solidários e a adquirir uma nova sensibilidade para os problemas sociais no seu entorno e em outras partes do mundo (Santos, 2019).

#### 4. Musas Coletivo de Moda: relato de experiência

O projeto *Musas Coletivo de Moda* foi elaborado e executado pela autora desta pesquisa através da Balseiro Associação Sem Fins Lucrativos e com o financiamento do Fundo para a Infância e Adolescência (FIA) do município de Rio do Sul (SC), contemplado com o valor de 50 mil reais, destinado a atender até 15 pessoas do público feminino, com faixa etária entre 13 e 18 anos, tendo como requisito ser estudante de escola pública. A execução do projeto totalizou seis meses de curso, com encontros realizados quinzenalmente, no período vespertino, na sede da Associação proponente, em uma casa histórica e centenária. Caracterizado e executado na modalidade de educação em espaço não formal, a ação abordou a educação para a sustentabilidade tendo a moda como ponto de intersecção. Dessa forma, a proposta foi planejada para que as participantes criassem um sapato autoral de moda, seguindo os preceitos da sustentabilidade. Neste sentido, Santos (2018, p. 99) explica que:

Tratar a sustentabilidade como integradora de conhecimentos é uma forma útil e apropriada de superar as divisões típicas da especialização científica, uma vez que os grandes problemas sociais, ambientais e econômicos da humanidade são interligados e não respeitam fronteiras de conhecimento, necessitando, portanto, da integração das diversas formas do saber humano para sua solução.



A equipe de profissionais que realizou o projeto é multidisciplinar e contou com uma coordenadora, formada em Normal Superior, agente cultural pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e estudante de pós-graduação em Educação e Interdisciplinaridade do Instituto Federal Catarinense – *Campus Ibirama*; um professor formado em Administração de Empresas e pós-graduado em Ecodesign; uma professora formada em Design de Moda; e uma estagiária cursando graduação em Design de Moda também do IFC *Campus Ibirama*. O plano de trabalho estava dividido em 12 encontros de 4 horas, organizados em três fases: introdução teórica (Figura 1a), aulas práticas (Figura 1b e Figura 2) e editorial fotográfico/ *fashionfilm* (Figura 3).



**Figura 1**– a) Aula teórica. b) Aula prática. Fonte: Elaboração própria.

Na primeira fase foram aplicadas dinâmicas de socialização para integrar o coletivo e iniciadas as aulas teóricas com os temas: “O que é moda”; “A história do sapato”; “O que é e como fazer um *moodboard*” (painel de imagens); “Sustentabilidade na prática e contextualização da situação atual do planeta” (com dados da ONU sobre os recursos naturais como o ar, a água, a comida e o impacto do lixo, além dos alertas e previsões até 2050 – momento em que a população chegará a aproximadamente 10 bilhões de habitantes). Os assuntos foram abordados em formato de aula expositiva/ dialogada, com uso de *slides*, recursos digitais e retroprojeter. A introdução da base teórica teve como propósito contextualizar o coletivo no universo da moda e da necessidade da sustentabilidade em nosso momento histórico.

A segunda fase trabalhou as técnicas de criação de moda e foram apresentados dois grandes temas inspiracionais para a criação da coleção: “Geometria, Moda Africana e *Upcycling*” + “Semana da Arte Moderna”. Os temas inspiracionais propostos contribuem com a sustentabilidade no sentido de contextualizar nossa cultura, pois a diversidade brasileira resulta do encontro de vários povos ao longo da história. Realizar o resgate da cultura afro através de suas técnicas manuais, seus trançados, cores e bordados foi complementar ao tema da Semana de Arte Moderna, evento que marcou a cultura brasileira no entendimento de valorizar a

produção nacional e emancipar a estética brasileira. Já o termo *upcycling*, nomeia a técnica que consiste em transformar matéria-prima descartada em novos produtos de valor agregado. Destaca-se que o processo de *upcycling* não utiliza químicos na transformação dos materiais, indo assim ao encontro da proposta do modelo da Economia Circular, cujo objetivo é tornar o “lixo” um conceito do passado, propondo a procura de soluções que mantenham os recursos circulando na economia até o limite da sua capacidade.

Tendo então os temas de inspiração, foi criada uma pasta coletiva no Pinterest onde todas as participantes colaboraram com imagens de sapatos e técnicas artesanais. Com 4 opções de modelagens pré-prontas (mule, chinelos e alpargata), as alunas escolheram as técnicas manuais para produzirem como por exemplo: tramado, trançado, desfiado, bordado etc. Ainda na segunda fase houve a confecção dos sapatos utilizando os resíduos de jeans. As alunas tiveram dificuldades já esperadas pela falta de habilidade com o manuseio do material – praticamente todas tiveram contato com uma máquina de costura pela primeira vez; no entanto, conseguiram produzir suas modelagens com sucesso (Figura 2), muitas vezes se ajudando no grande grupo.



**Figura 2**– a) Um dos sapatos feito por uma aluna. b) Os calçados produzidos. Fonte: Elaboração própria.

Na terceira e última fase houve a produção da comunicação da coleção criada, momento em que cada adolescente atuou como modelo de seu próprio sapato. Para esta etapa, todas foram maquiadas e penteadas, vestiram roupas jeans. Uma maquiadora, uma cabeleireira, uma fotógrafa e um *videomaker* foram contratados para produzirem o editorial fotográfico e o *fashionfilm* (Figura3). Esse momento foi importante para estimular a resignificação do senso estético que cada participante tinha sobre si mesma. A produção dessa atividade em um ambiente não formal de educação foi primordial para um aprendizado significativo, ampliando a visão do mundo e suas possibilidades. Durante a execução do editorial de moda, notou-se a alegria e satisfação de todas as participantes. O resultado das fotos, do vídeo e do próprio calçado produzido foi aprovado por todas as estudantes.



**Figura 3** – Editorial Fotográfico. Fonte: Elaboração própria.

Em todos os encontros foi servido um café da tarde, esses momentos de socialização foram gradualmente estreitando os laços de amizade entre as participantes, pois elas tiveram a oportunidade de conversar entre si e trocar experiências. Os vínculos criados entre alunas-alunas e alunas-professores foram importantes para o desenvolvimento do projeto, pois compreende-se que a afeição e a afetividade são pontos de partida para a integração humana, promovendo a cooperação na construção de novos saberes comuns.

No último encontro foi feita uma retrospectiva para a reflexão da jornada percorrida, um café especial de despedida foi servido, houve momentos de brincadeiras e danças ao ar livre. Por fim, cada participante recebeu uma sacola de papel com o sapato que confeccionou e uma foto sua impressa (Figura 2a). O material com todas as fotos e o vídeo foram disponibilizados para o coletivo. A convite do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), gravamos uma entrevista sobre o projeto, na qual a equipe de profissionais e algumas alunas deram seus depoimentos.<sup>1</sup>

## 5. Procedimentos metodológicos

Este artigo, está classificado quanto a sua natureza de investigação como descritiva, valendo-se dos seguintes procedimentos técnicos em sua organização: pesquisa bibliográfica e relato de experiência. A pesquisa bibliográfica deu aporte para as discussões nos campos da educação em espaço não formal, educação para a sustentabilidade e moda sustentável. O procedimento técnico conhecido por relato de experiência, em contexto acadêmico, pretende descrever a experiência vivida (experiência próxima) e torná-la válida “por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico

<sup>1</sup> Vídeo do “Projeto Histórias que Inspiram”, com depoimentos com a equipe do “Projeto Musas - Coletivo de Moda”: <https://www.youtube.com/watch?v=kib-iKVLbwo>.

(experiência distante)” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 64). O relato da experiência foi baseado nas experiências vivenciadas no projeto Musas Coletivo de Moda pela própria autora deste artigo, que atuou como coordenadora no projeto apresentado. A partir do plano de trabalho do projeto, foram descritas as atividades realizadas, refletindo sobre os resultados dos objetivos propostos em cada dimensão do tripé da sustentabilidade: social, ambiental e econômico.

## 6. Resultados

Este artigo demonstrou as intersecções entre educação, moda e sustentabilidade no projeto Musas Coletivo de Moda, visto que este teve como base as três dimensões da sustentabilidade (social, ambiental e econômica) ao elaborar seus objetivos. Na dimensão social, o projeto se propôs a criar um coletivo coeso, uma vez que a coesão social é um princípio do desenvolvimento sustentável fundamental para alcançar os objetivos das demais dimensões. A busca pela coesão social trata da busca incessante pela melhoria da própria natureza humana na direção de valores como honestidade, integridade, confiabilidade, lealdade, tolerância, humildade, cortesia, otimismo, solidariedade e perseverança. (Santos et al., 2019b, p. 49). Lembrando que uma das características de um coletivo é a amizade, como meio de ilustrar o alcance deste objetivo, segue o recorte de um depoimento publicado espontaneamente no Instagram de uma das participantes:

Musas. Uma das melhores experiências que tive foi nesse projeto maravilhoso, onde eu pude aprender diversas coisas (...). Aprendi a fazer novas amizades, socializar, e pude conhecer várias pessoas especiais que com toda certeza irei levar para o resto da minha vida. Vai muito além de um projeto qualquer [...] é um lugar que levanta o ânimo de qualquer pessoa, tenho certeza de quem acompanhou jamais vai esquecer, e quem esteve lá NUNCA vai esquecer desse projeto que vai muito mais além, muito obrigada meninas por tudo, obrigada Musas! #umavezmusasempremusas. (Ana Julia, 14 anos, participante do projeto).

Na dimensão ambiental o objetivo foi conscientizar o grupo sobre a importância da sustentabilidade, devido a situação atual do planeta em relação ao ar, água, comida e lixo, além dos alertas futuros. Para isso, além das aulas teóricas, utilizou-se uma ação prática que foi a produção de calçados feitos com resíduos industriais de jeans, de modo a tornar a aprendizagem mais significativa, contextualizando as atividades de moda que impactam a localidade e demonstrando que muito do que é descartado pode ser reutilizado em novos produtos de valor agregado. Este objetivo foi alcançado com a confecção propriamente dita do calçado, gerando a percepção de valor de materiais descartados como potenciais para a produção de novos produtos. Cada participante pode levar seu próprio sapato consigo, para seu próprio uso, materializando a ideia da utilidade dos resíduos e do trabalho manual em um objeto útil.

Na dimensão econômica buscou-se favorecer as condições futuras para geração de renda e autonomia, estimulando a criatividade e a autoexpressão além da valorização e autoestima. Visto que o projeto foi direcionado para atender adolescentes em vulnerabilidade social, o ensino de técnicas manuais para a reutilização de resíduos têxteis pode ser uma alternativa para a geração de renda de forma autônoma. Para além disso, foi perceptível a mudança de comportamento das participantes em relação a sua autoestima; o comportamento foi sendo modificado desde a forma de se apresentar, tonando-se mais bem vestidas, cabelos cuidados e



maquiagem, até a forma de falar e se posicionar no grupo com maior segurança. Estes são aspectos fundamentais para o autodesenvolvimento.

As experiências apresentadas podem contribuir para a compreensão dos conceitos abordados no estudo, uma vez que a aplicação prática, devidamente contextualizada com a realidade das estudantes, gera novas ideias e possibilidades de aplicação com outros grupos, bem como a melhoria deste mesmo projeto para edições futuras.

Por fim, é importante que façamos do nosso ideal uma causa pela qual lutamos, principalmente por acreditar nela. Lutar porque esse é um direito, um dever e uma necessidade. Não podemos nos calar diante das injustiças, nem desacreditar das pessoas. Ao dar condições de acesso ao conhecimento a um indivíduo, certamente ele terá uma compreensão diferente da história e de seu papel enquanto cidadão.

## 7. Considerações finais

Embora o projeto tenha ocorrido em espaço não formal de educação e tenha sido proposto e executado por uma organização do terceiro setor, este buscou ir além do assistencialismo, alcançando o desenvolvimento educacional das participantes, tanto no sentido intelectual, quanto prático e comportamental. Como nos ensina Paulo Freire (2000), não estamos no mundo para nos adaptar, mas para transformá-lo; e se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devemos usar toda nossa possibilidade para não apenas falar de utopias individuais, mas participar de práticas com elas coerentes.

O aprendizado alcançado não se limita às participantes, uma vez que toda a equipe de profissionais envolvida também teve a oportunidade de transformar-se e aprender em comunhão com as alunas, atestando a veracidade do potencial coletivo em construir novos conhecimentos. Potencial também de contribuir em alguma medida para o desenvolvimento sustentável, especialmente com a igualdade de gênero e a educação de qualidade. Além de participar de práticas coerentes com nossos ideais, é imprescindível que se crie essas oportunidades, não esperando que o outro faça. É preciso transformar o mundo, e isso acontece primeiro em nós e depois ampliamos para onde vivemos e atuamos. Assim nos ensina a sustentabilidade.

## Referências

ARAÚJO, F. J. **A sustentabilidade em espaços de educação não formais**: possibilidades pedagógicas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão (RDSEPT). 2020. 127f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BERLIM, L. **Moda e Sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BORTOLETTI, Z. L. Semioses identitárias: retratos da moda no espaço escolar. **Educação em Revista**, v. 38, n. 25949, p. 1-22, 2022.

BRASIL. Programa Nacional de Educação Ambiental. **ProNEA**. 3ª ed. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.



BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Ministério da Educação**. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Presidência da República**. Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política da Educação Ambiental e dá outras providências. **Presidência da República**. Brasília, DF, 1999.

FONTOURA, J. B.; BONA, R. J. Educação para a moda sustentável no município de Blumenau/ SC com o uso de tecnologias acessíveis. **Temática – UFPB**, v. 18, n. 02, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/62025/35008>.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

MARQUES, S.M., MARX, V. Os coletivos em cena: algumas contribuições para o debate. **Simbiótica**, Vitória, v. 7, n. 3, jul./dez. 2020 ISSN 23161620. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/33691/22368>.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021.

PAIM, Cláudia. **Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea**. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, A. et al. **Design para a sustentabilidade: dimensão ambiental**. Curitiba: Insight, 2018. Disponível em: <https://editorainsight.com.br/produto/design-para-a-sustentabilidade-dimensao-ambiental-pdf/>.

SANTOS, A. et al. **Design para a sustentabilidade: dimensão econômica**. Curitiba: Insight, 2019a. Disponível em: <https://editorainsight.com.br/produto/design-para-a-sustentabilidade-dimensao-economica-pdf/>.

SANTOS, A. et al. **Design para a sustentabilidade: dimensão social**. Curitiba: Insight, 2019b. Disponível em: <https://editorainsight.com.br/produto/design-e-sustentabilidade-dimensao-social-2/>.

SANTOS, C. L. **O encontro entre a educação formal e não formal no programa escola integrada: possibilidades e desafios**. 2015. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável**. 2005. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139937\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139937_por). Acesso em: 20 dez. 2023.

